REFLETINDO SOBRE O FIM DO TOTALITARISMO

Mestranda VERA KARAM DE CHUEIRI
CPGP/UFSC

"O que fazer depois da orgia - após o excesso de liberação sexual e dos valores, da revolução política, das forças produtivas, da emancipação da mulher e da arte. *É possível pensar depois da orgia?*" (Bernardo de Carvalho, entrevistando Baudrillard, Folha de São Paulo, 5/5/90).

1- O fim de alguns Estados totalitários conduz necessariamente a um (re)pensar os modelos que até então informaram a filosofia, a política e a cultura modernas. Antes porém, deste (re)pensar, coloque-se como pressuposto a seguinte questão: *É possível pensar depois da orgia?* ou seja, depois de exaurida a idéia de revolução, de derrubados os muros intransponíveis dos totalitarismos de esquerda e de direita, do fim do "enthusiasme" que fala LYOTARD, é possível viver a utopia que alimentou a modernidade, especialmente a socialista de tradição marxista?

Seguindo a esteira de HAER- MAS, ainda que não o cite expressamente, o sociólogo francês

ALAIN TOURRAINE, no prefácio à edição brasileira do seu livro "O PÓS-SOCIALISMO", deixa clara a sua idéia central de que não se vive hoje o fim da história ou da modernidade, mas um momento de passagem de um tipo de sociedade para outro. Esta passagem se dá a partir do fim do socialismo para aquilo que ele chama de pós-socialismo.

O problema que se coloca é justamente o da morte do socialismo e do preenchimento do vazio que ela suscita, por um 'pós' que não é nem o caos, nem o ceticismo da pós-modernidade, mas a esperança e a utopia entusiástica da modernidade, da derrubada das bastilhas, das barricadas e da queda do muro de Berlim.

Em outras palavras, HABERMAS também condena o fim da modernidade, na medida em que acredita que o seu projeto não se completou. De forma mais contundente, acusa de conservadores (os jovens, os antigos e os neo), àqueles que, decepcionados em razão da falência dos grandes programas de negação da arte e da filosofia, abraçam o ceticismo dos projetos monótonos que, paradoxalmente, revitalizam a subjetividade descentrada, emancipada dos imperativos do trabalho e da utilidade, para evadirem-se do mundo moderno. Assim HABERMAS os denomina de jovens conservadores ou antimodernistas, de antigos conservadores ou pré-modernistas - estes orientados pela razão objetiva não operacional -, e ainda de neo-conservadores ou pós-modernos, os quais exaltam a ciência moderna enquanto condutora do progresso técnico e do crescimento capitalista, na trilha da racionalização e do maior desempenho e eficiência.

A crítica habermasiana pondera a crise de uma racionalidade de que busca a sua justificação em argumentos não menos racionais, cuja matriz é ainda fortemente influenciada pela tradição moderna. Neste sentido, o 'pós' não representa nem o fim da história, nem das utopias e das vanguardas, mas a continuidade deste projeto emancipador.

O fim do totalitarismo pode ser pensado nestas duas dimensões: primeiro, como sistema de um novo paradigma social e filosófica, diga-se pós-moderno, em que se fragmenta a racionalidade coercitiva dos modelos das vanguardas estéticas e políticas numa verdadeira teoria do caos; não o caos niilista que a final espera a vinda redentora do super-homem, mas o caos performático da América de BAUDRILLARD. Segundo, como continuidade do grande projeto da modernidade que, se por um lado mata o socialismo e toda a sua significação simbólica, não fez senão recusar a sua degeneração, para retomar o seu verdadeiro sentido a resgatar um dos seus pontos nucleares que é o mito da revolução. Isto significa, conforme coloca PETER BURGER (01), *"conceitualizar uma continuidade, dialética do moderno, empenhando-se em afirmar categorias essenciais do moderno, mas ao mesmo tempo libertando-se de sua rigidez modernista e ressuscitando-as."* (Grifo nosso)

Não se pretende fechar a discussão política nas duas formas colocadas acima, mas reconhecer nesta polêmica uma vertente através da qual se pode discutir a questão do totalitarismo e ao mesmo tempo revelar a pertinência dos micro-movimentos sociais que,

por não se integrarem à racionalidade funcional das propostas amplas e totalizantes dos modelos teóricos e políticos já existentes, acabam por revelar na prática uma "indetermanência" (2), no qual o domínio da imaginação, do desejo, do saber é orientado não por único sentido, mas por uma pluralidade destes. Os micro-movimentos sociais se constituem em relatos fragmentados os quais expressam jogos de linguagem heterogêneos, nos quais a política não tem mais a preocupação de revelar verdade absoluta alguma, desconfigurando - se como construção monolítica.

Retornando a formulação inicial do problema, qual seja, se se é possível pensar depois da orgia, dir-se-ia que sim, desde que à luz da pós-modernidade que aqui se traduz politicamente nos movimentos de minorias, através dos quais se pode pensar no fim do totalitarismo.

Este trabalho baseou-se exclusivamente em pesquisa bibliográfica ao final arrolada.

2 - As experiências totalitárias mais recentes tem, especialmente no facismo, no nazismo e no regime burocrático soviético a realização plena deste modelo. A sua decadência, bem como seu fim, conduzem a hipótese central deste trabalho, qual seja, a possibilidade de um devir não totalitário, fundado na perspectiva caótica e performática da pós-modernidade, cuja compreensão conduz, necessariamente, a constatação do fim das idéias de massa, verdade e revolução.

Entende-se aqui como revolução a catártica convulsão social que, acompanhada do uso da violência, tem como objetivo derrubar o instituído, para substituí-lo a fim de efetuar profundas mudanças nas relações políticas, no ordenamento jurídico - constitucional e na esfera sócio-econômica.

Esta definição remete à idéia de massa, cuja adesão é imprescindível à consecução da revolução. Se esta não passar pela massa, ela vem a ter a conotação ou de golpe, ou de revolta, ou ainda de rebelião.

"Base de todos os sistemas de significação e contra a qual eles se armam com todas as suas resistências, ocultando o desabamento central do sentido com uma recrudescência de todas as significações e com uma dissipação de todos os significantes" (03), a massa é mais um leitmotiv da demagogia política, que um conceito propriamente dito, ainda que a sociologia procura subsumí-la em categorias como 'classe', 'status cultural', etc., estendendo-a, de maneira geral, como grande maioria ou totalidade.

A verdade é uma competência do juízo que consiste na assimilação do pensamento ao ser, enquanto exprime como existente um objeto real. Por este critério permite-se distinguir os juízos verdadeiros dos falsos, no sentido de serem estes fundados ou não em um objeto real e possível .

Este tripé - revolução-massa-verdade - se desconstitui como base do conhecimento, o que altera profundamente o sentido tradicional de política. Isto porque é sobre esta desconstituição, sobre

a fragmentação do que LYOTARD chama de grandes relatos, que se forma o seu novo horizonte de sentido.

Neste contexto é que os micro-movimentos ou - conforme GUATARRI - movimentos moleculares - mulheres, homossexuais, loucos, índios, negros, verdes ... - se inscrevem, deslocando o sentido tradicional de política para uma nova significação fora de eixo e indiferente, esvaziada das idéias de revolução, massa e verdade.

"... fragmentar o sistema, desconstruir os grandes organismos na aula, em casa, no hospício, no banco, na praça, no trânsito, até reduzi-lo às suas menores moléculas. A revolução não virá mais da massa reunida no Partido ou Sindicato, grandes totalidades. Ela se fará por despedaçamento, anarquia, euitando-se as unidades maiores, as normas, os centros de comando." (04)

O novo espaço é preenchido por sujeitos verdadeiramente autônomos e indiferentes a uma grande causa. Sujeitos que recusam a execração de reacionários e neo-liberais pois tem nas suas individualidades, o fragmento como base e o descontínuo como limite.

Não passa por uma idéia pós-moderna de política rotular os atores sociais, mesmo porque eles próprios não tem um único referencial se multiplicando em simulacros, não havendo como apreender um único objeto.

Donas de casa, prostitutas vestidas de prostitutas (como diria WARAT), advogadas, freiras, ministras ... movimento feminino, cujas características não correspondem mais a um modelo emancipador que o aprisiona à uma grande categoria ou a um partido político ou

a um partido político ou a um modo de produção; à verdade. Ele é hoje autônomo e indiferente, pois tem o seu próprio front no qual as lutas se travam em suas próprias fileiras, com respeito aos seus próprios desejos. O front de todas as classes perdeu seu sentido, assim como a dicotomia mundo masculino - investimento-dominação - mundo feminino - consumo/submissão - também.

Aos olhos da modernidade, os movimentos de minoria foram sempre contextualizados a partir de algo maior e exterior a eles.

Retomando o exemplo do movimento de mulheres, dir-se-ia que tudo começou com reivindicações políticas que exigiam uma situação de cidadania igualitária para as mulheres que lhes estendesse o direito ao voto. Superada esta etapa, a igualdade de direitos políticos remetia a uma igualdade de oportunidades profissionais e de salários, assim como de participação nos vários espaços políticos. A materialização destas conquistas se deu, efetivamente, com o alcance da liberdade sexual. Entretanto, em todo este percurso, o MOVIMENTO feminino não foi mais do que o apêndice de partidos políticos que reivindicavam para si a exclusividade de porta-vozes do social, pois crentes detentores da verdade.

Os movimentos de minorias foram represados pela modernidade ao limite da revolução ocorrida com a conquista de determinadas liberdades, como se isto fosse suficiente; permanecendo assim presos e dependentes de algo que lhes desse significação.

Estado, Partido e Sindicatos são instrumentos manipulados pela política tradicional para, verticalmente, propiciar o 'bem

comum' na busca da 'justiça social'. 'Bem comum' e 'justiça social' são conceitos que foram sempre pensados por e para o consumo; essa coisa que iguala as pessoas e seus desejos ... como se a sociedade seguisse a linearidade que ele presume.

Outro movimento molecular que rompe com esta linearidade e com o maniqueísmo dos desejos que alimentam a política tradicional é o dos homossexuais. Segundo GUATARRI (05) "*não podemos qualificar um amor de modo unívoco.*" As relações onipresentes dos pares convencionais passaram a questionarem-se a si mesmos, desencadeando um repensar o amor, a partir do difuso e do ilimitado.

O movimento homossexual resgatou ao nível da paixão, a pluralidade como sentido, dissiminando-a como atitude política.

"Querelle", "Prick up your years", "Beti Blue", "Paris Texas" ... são algumas metáforas da paixão não romântica e sem esperanças deste fim de século e modernidade. O fim do totalitarismo passa também por uma nova maneira de amar.

O terceiro exemplo significativo dos movimentos de minorias é o do movimento ecológico. Falo dos verdes não institucionais. Daqueles a quem a ecologia não se reduz ao mero apelo ambientalista, mas a uma opção de vida e de desenvolvimento social libertários. O movimento verde é o fragmentado por excelência, dada a variedade de grupos que atuam na sociedade civil. Assim como as mulheres, homossexuais, negros, índios ... ele troca o espaço simbólico da política tradicional para atuar num espaço multidimensional, preocupado em tornar o verde numa grande performance, na qual homem e natureza buscam a partir de si - da sua imanência e indeterminação -, o melhor aproveitamento das suas potencialidades.

3 - Num social que se dissipa na velocidade informacional de relações que se otimizam pelo dissenso - "o concenso não é senão um estado das discussões e não o seu fim" (06), não ser totalitário significa reconhecer a heterogeneidade dos jogos de linguagem nos quais ele - o social - se increve. Os movimentos moleculares estão no limiar deste novo sentimento esquisito, esta coisa-alguma, o vazio, o pós-moderno. Ao nível da pragmática, somente através deles, é que se pode, efetivamente, pensar num devir não totalitário, sem sonhos nem utopias.

Falar em pós-modernidade como um conceito unívoco é estar errando no pressuposto. Neste trabalho utilizou-se informações de autores como LYOTARD, BAUDRILLARD, HASSAN, GUATTARI, SUBIRATS ...que embora preocupados, ou melhor, excitados com a questão pós-moderna a tratam de maneiras variadas, as vezes antagônicas. Afinal ... é a heterogeneidade que tanto se fala.

4 - NOTAS

(01) BÜRGER, Peter. O declínio da era moderna. Trad. Heloísa Jahn. In: *Novos Estudos CEBRAP*, n° 20, 1988.

(02) Este termo "Indetermanência" é utilizado por Hassan para designar indeterminação mais imanência.

(03) BAUDRILLARD, Jean. À sombra das maiorias silenciosas. Trad. Suely Bastos. 2.ed. Brasiliense, São Paulo, s.d. p. 10.

(04) SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é pós-moderno. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986. p. 83.

(05) GUATTARI, Felix. Revolução molecular. Trad. Suely B. Rolnik. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 36.

(06) LYOTARD, Jean-François . O pós-moderno. Trad. Ricardo Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1986. p. 118.

5 - BIBLIOGRAFIA

1. BAUDRILLARD, Jean. América. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Rocco, 1986.

2. _____. À sombra das maiorias silenciosas. Trad. Suely Bastos. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, s.d.

3. CASTOR1AD1S, Cornelius. Os destinos do totalitarismo. Por-
lo Alegre, L & PM, 19 85.

4. GUATTARI, Felix. Revolução molecular. Trad. Suely B. Rolnik. 3.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.

5. LIOTARD, Jean-François. O pós-moderno. Trad. Ricardo Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1986.

6. SANTOS, J. F. O que é o pós-moderno. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.

7. TOURAINE, Alain. O pós-socialismo. Trad. Sonia Goldfeder. São Paulo, Brasiliense, 1988.